



# Entrevista com José Luis Peixoto: os limites da produção literária em Língua Portuguesa para o mundo

Luís Cláudio Ferreira Silva\* e Marco Antonio Hruschka Teles

Universidade Estadual de Londrina, Rodovia Celso Garcia Cid, PR-445, Km 380, 86055-900, Londrina, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: [luisliteratura@hotmail.com](mailto:luisliteratura@hotmail.com)

Received on June 29, 2024.

Accepted on July 1, 2024.

## Introdução

José Luís Peixoto nasceu em Galveias, Portugal, em 1974. Após sua licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas na Universidade Nova de Lisboa, começou a sua carreira literária publicando o livro *Morreste-me*, em 2000. Com o romance *Nenhum Olhar*, venceu o Prêmio José Saramago em 2001 contando ainda vinte e sete anos de idade e teve seus livros traduzidos para mais de vinte idiomas diferentes. No Brasil, seus livros são publicados entre duas casas editoriais: Companhia das Letras e Dublinense. Destaque para os livros *Cemitério de pianos* (2008), *Livro* (2012) *Galveias* (2014), *Em teu ventre* (2017) e *Autobiografia* (2021). Além dos romances, publicou também livros de poesia, literatura de viagem e livros infantojuvenis. A entrevista que segue é parte de uma mesa na 7ª Festa Literária Internacional de Maringá (FLIM), realizada de maneira virtual, no dia 10 de dezembro de 2020.

## Entrevista com José Luis Peixoto

**Pergunta:** Para começar, vamos ler um de seus poemas do livro *'Regresso à casa'* (Peixoto, 2020, p. 15) e a partir dele começará nosso debate.

Olhamo-nos nos olhos pela Internet/ Eu transmito-te esse domingo à tarde / a voz do vizinho através da parede / Tu transmites-me a distância que existe / depois do que consigo ver pela janela / Durante a noite mudou a hora e, no entanto, / continuamos no tempo de ontem. / Como é raro este domingo, não podemos / garantir que amanhã seja segunda-feira. / O futuro perdeu-se no calendário, existe / depois do que conseguimos ver pela janela. / O futuro diz alguma coisa através da parede, / mas não entendemos as palavras. / Lavamos as mãos para evitar certas palavras. / E, mesmo assim, neste tempo raro, repara: / tu e eu estamos juntos neste verso. / O poema é como uma casa, tem paredes / e janelas, é habitado pelo presente. / Olhamo-nos nos olhos pela internet, / estamos verdadeiramente aqui. / O poema é como uma casa, / e a casa protege-nos.

Esse poema se encontra em uma subdivisão do seu livro chamado *'Quarentena'* (Peixoto, 2020). E a partir dessa leitura, gostaríamos que você falasse não somente desse livro, mas também desse momento que estamos vivendo (a pandemia de covid 19) e de como está sendo sua quarentena com sua família.

**Peixoto:** Esse livro, como muitas das coisas que aconteceram neste ano de 2020, não fez parte de nenhum plano prévio. Quando entrei neste novo ano, não imaginava que ia publicar esse livro. Na verdade, este poema que leste foi aquele que eu considero o primeiro poema deste livro, porque, embora exista talvez uma meia dúzia de poemas que pertencem a esse livro e que já tinham sido escritos anteriormente, quando eles foram escritos, eu não os imaginava como parte desse livro. Porém, esse poema específico foi aquele que deu início a uma sequência de poemas que me fez perceber que fazia sentido, para mim, construir um livro e foi esse livro. E ele nasceu desse poema porque nasceu do confinamento, nasceu desse período que aqui em Portugal foi a partir de meados de março em que toda a gente ficou em casa. Aqui em Portugal foi praticamente a totalidade das pessoas nesse período. Só saía mesmo quem tinha profissões de absoluta necessidade e que obrigavam mesmo a estar fora de casa, nomeadamente as profissões ligadas à saúde, por exemplo. E foi uma situação tão inédita e chocante ao mesmo tempo que, pessoalmente, me surpreendeu. Não sei se felizmente ou infelizmente, mas em janeiro, eu pertencia àquelas pessoas que nunca imaginaram

o quanto dessa situação fosse ter esses contornos que acabou por ter. Ironicamente, em janeiro de 2020, pela primeira vez eu estava com o ano praticamente todo planejado - há vários anos que eu queria ter esse nível de organização. Ou seja, pela primeira vez tinha todos os meus compromissos marcados, todos os meus projetos agendados e tudo isso veio abaixo. Na verdade, em março, eu estava a escrever um romance. E quando toda a gente foi pra casa, pouco tempo depois eu percebi que não tinha condições de escrever esse romance. Por condições práticas, porque a casa ficou cheia de gente. E também por condições mentais porque, principalmente nesse período, existia uma certa claustrofobia. Então eu interrompi a escrita desse romance e fiquei a ler e também a tentar resolver outras questões da minha vida. E houve um dia – o de 29 de março – em que justamente escrevi esse poema que leste, que é um poema que fala muito concretamente de tudo aquilo que estávamos a viver. E depois acabei por escrever os poemas que integram, nesse livro, essa parte a que chamei ‘quarentena’. Todos esses poemas têm a data em que foram escritos, porque são poemas que têm alguns elementos concretos desses dias. Costumo dizer como piada, uma piada com um fundo real, que são poemas-jornalismo, no sentido em que são poemas que têm uma ligação com aquele presente. Eu espero, no entanto, à força de sua metáfora, que eles continuam a fazer sentido em outro tempo, e em um tempo em que tudo isso que temos vivido seja uma memória. E foi assim que, entre março e julho, acabei por escrever esse livro, que é um livro que nasceu nessa situação da quarentena, mas que depois acaba por ultrapassá-lo em vários aspectos e de certa forma acaba por ser um balanço de certas questões daquilo que é a minha escrita. O título dá um pouco conta desse caráter mais amplo, pois existe o regresso à casa por conta da quarentena, mas também a ideia de regresso à casa, que é forte porque inclui a própria ideia ‘casa’. E por outro lado existem várias questões como as viagens. Há pouco falavas da Tailândia, da China e da Coreia do Norte que são três lugares que existem grupos de poemas sobre eles em concreto neste livro, porque são lugares para mim que dizem muito e com os quais tenho uma relação muito importante, inclusivamente ligada com livros que escrevi e publiquei no passado. E termina inclusive como uma parte chamada ‘bibliografia’, em que cada poema remete a livros que escrevi e que de certa forma fazem um balanço desses livros, com uma perspectiva diferente deles livros, o que também dá a indicação de balanço que esse livro também tem. Porque de certa forma, esse tempo é um balanço, pois nos permitiu avaliar o ponto em que estávamos, perspectivarmos nosso futuro e avaliar aquilo que realmente importa.

**Pergunta:** Em uma entrevista ao Wook (2019), você diz o seguinte

[...] a minha cultura sou eu, meu país é minha cultura e, portanto, quando penso em Portugal penso nas coisas mais íntimas, na minha família, nas minhas origens, penso naquilo que me constitui e que não consigo de jeito nenhum separar de mim.

É uma fala muito bonita, mas gostaríamos de fazer um alargamento disso em relação à lusofonia e outros países que falam português. Como você se coloca nesse mar da lusofonia? Para você, que viajou a vários países de língua portuguesa, quais são os traços em comum entre as culturas para além do idioma?

**Peixoto:** Eu sinto que a língua é um fator de união muito forte. Essa língua, apesar de ser múltipla e ter bastantes diferenças – diferenças que são traços da sua riqueza -, tem uma forma, uma estrutura, um sistema que é muito forte e, partilhar isso, já é uma organização de pensamento comum que tem muita importância. Em relação às nuances desse espaço onde se fala o português, também há um fator de riqueza. E sinto que um dos aspectos culturais e literários de quem escreve em língua portuguesa para com o espaço lusófono é justamente toda essa extensão e riqueza nas suas múltiplas diversidades e que dá, de certa forma, a oportunidade de nos conhecermos. Porque há ainda muito desconhecimento, que muitas vezes é acompanhado pelo lugar comum, pelo preconceito, pelo clichê. O espaço da língua portuguesa é imenso por conta das múltiplas realidades que lhe dão corpo. Um exemplo muito claro, que acredito ser muito compreendido por ti, é nada mais nada menos do que o Brasil. Porque nos espaços de língua portuguesa se diz “o Brasil” de uma forma até um pouco leviana, no sentido em que o Brasil é tão grande, tão transcendente, que é difícil utilizarmos essa palavra numa frase e ela fazer sentido. No sentido em que o Brasil é tão enorme que é paradoxal, é tão enorme que é contraditório, que aquilo que dizemos ser do Brasil em um determinado local do país, em outro lugar já não é. E muitas vezes, não estando no Brasil, é mais fácil simplificar. Mas simplificar é reduzir. É claro que quando pensamos no Brasil podemos ter algumas ideias como Copacabana ou Avenida Paulista, mas sabemos que o Brasil é muito mais do que isso: o Brasil é o Nordeste, é Rondônia, é o Paraná. O Brasil é uma quantidade de realidades que realmente é incrível. E se nós pensarmos também no caso dos países africanos que têm o português como língua oficial, são enormes

as múltiplas realidades que ali existem. Nos anos 1990, tive uma experiência muito marcante: ser professor de português durante um ano na capital de Cabo Verde, na cidade da Praia. Até hoje tenho uma relação especial com essa cidade e com esse país. Para além disso, foi muito impressionante para mim porque, aqui em Portugal, há várias pessoas que têm relações com a África, mas não era o caso da minha família. Nunca tive relações diretas com ninguém que morou ou viveu mais intensamente o continente. Então, para mim, com vinte e tantos anos, ter essa experiência de viver em Cabo Verde - que é uma África também um tanto particular - foi marcante. E no meu romance *'Autobiografia'* (Peixoto, 2021), fiz questão de colocar uma personagem de origem caboverdiana porque tinha essas histórias também para contar. África, e no caso Cabo Verde, é um tema que ainda vai continuar a entrar nos meus livros e que eu ainda pretendo aprofundar. Confesso que, durante alguns anos, senti certa dificuldade para tratar desse tema porque achei que esse não era um tema meu. Mas sinto que é importante que exista essa visão de um português - que justamente nasceu em 1974, num momento em que a guerra colonial já tinha terminado. Ou seja, também é interessante nessa perspectiva pós-colonial. E essa questão da língua portuguesa, do seu espaço, é altamente complexa. Mas essa complexidade, mais do que intimidar-nos e assustar-nos, tem todas as condições de ser fonte de intrigas. E a literatura com sua capacidade de gerar uma consciência coletiva, de identificar aquilo que já existe na cultura, tem, entre suas múltiplas possibilidades, essa possibilidade de trabalhar esse 'anel'. Porque, efetivamente, tal como nessas palavras que referias, a nossa cultura pode ser comparável à nossa identidade. E nesse sentido, cada um de nós tem a sua cultura, sua identidade, sua especificidade. No entanto, todos e todas nos integramos em múltiplos círculos e, ao meu ver, com todas as diferenças - que devem ser assumidas e abraçadas -, compartilhamos essa língua, que é algo muito valioso.

**Pergunta:** Você teve uma passagem recente por Moçambique para participar de mesas literárias e também para dar oficinas. Como foi a experiência de dar oficinas de criação literária para falantes da mesma língua, mas culturalmente diferente.

**Peixoto:** Moçambique é um país que tem muitas línguas. O português acaba por ser uma língua que serve para comunicação de falantes de outras línguas.

É um país no que diz respeito às proporções do Brasil não é tão impressionante assim, mas, em comparação com Portugal, em termos de superfície, é muito maior e que tem complexidades muito fortes a vários níveis. Para mim foi uma experiência incrível ter a oportunidade de fazer essas participações. Tive oportunidade de fazê-las em quatro cidades: Maputo, Beira, Quelimani e Nampula. E depois tive a oportunidade de fazer algumas viagens por minha conta para conhecer alguns lugares que me parecem importantes. Para mim foi muito marcante ter estado em uma reserva natural que se chama Gorongosa, um lugar incrível onde atualmente vive um grande amigo, também escritor - que não é moçambicano, mas angolano - e muito lido no Brasil, o José Eduardo Agualusa. Aliás, a cidade da Beira é a cidade originária de outro escritor muito lido que é o Mia Couto. Tive oportunidade também de ministrar oficinas em outros lugares como Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Macau. E cada um desses lugares têm suas vivências próprias. E ter de falar da própria escrita para essas realidades torna tudo ainda mais enriquecedor. Porque estamos a falar de realidades muitíssimo diversas, não só no seu próprio cotidiano, mas na relação que existe o texto escrito, o papel que o texto escrito tem nessas cidades e alguns aspectos o próprio desenvolvimento industrial dos países. Estou-me a lembrar de Guiné Bissau, por exemplo, que é um lugar onde é muito difícil publicar livros. Existe há alguns anos uma associação que tenta publicar alguns livros, mas para se ter ideia, os livros que eles estão a publicar são livros inéditos que foram escritos nos anos 1980 ou 1990 e nunca foram publicados. E publicá-los é um trabalho importantíssimo para a própria forma como o país se vê e se pensa. É claro que nos queixamos que os livros não são lidos, que gostávamos que fossem lidos por muito mais gente, ainda assim, a partir do momento que um livro, sobre um determinado assunto, é publicado, ele traz esse assunto para a esfera pública e assim sendo, inicia um diálogo, uma presença, uma reflexão coletiva que de certa forma se alastra. E isso é de uma importância enorme. Por isso, eu acredito nesse trabalho de falar da escrita porque é uma maneira de incentivar a escrita, de promover a escrita e de promover essa forma de reflexão. Depois, quando é publicada, se transforma também, digamos, num patrimônio de cada sociedade a qual se pertence. E em alguns lugares, como nesse caso de Guiné Bissau ou Moçambique, existem muitas histórias e perspectivas que nunca foram publicadas, partilhadas. E dar voz a essas vozes é importante claramente para a vida nesses países, mas também é importante para nós para nos conhecermos melhor, sobretudo nesse âmbito do qual falávamos, esse mundo de língua portuguesa.

**Pergunta:** José Saramago (*Línguas em português*, 2001) uma vez disse: “Não há uma língua portuguesa, há línguas em português”. Pensando nesse sentido, qual é a língua portuguesa (ou a língua em português) da literatura de José Luís Peixoto?

**Peixoto:** É uma pergunta difícil. Quando falávamos de cultura, dizíamos que cada um tem a sua cultura específica, mas podemos também falar que cada um tem sua língua específica. Eu, por exemplo, muitas vezes, quando estou a escrever – e sobretudo quando estou a escrever sobre as minhas origens, o lugar onde nasci – surgem palavras e expressões que não tenho certeza se são gramaticalmente corretas na língua. Já me aconteceu de procurar palavras que eram usadas, por exemplo, pela minha avó, e não encontrá-las. E então é com mais prazer que eu as utilizo. As vezes são corruptelas de outras palavras, mas também são uma oportunidade de acrescentar à língua. Como escritor, e também como falante, ter oportunidade de acrescentar alguma coisa à língua, mesmo que de maneira pequena e limitada, é muito bom e importante. E efetivamente eu concordo que a língua portuguesa é múltipla, mas também concordo que exista uma unidade nesta língua e nós ganhamos com essa unidade. Ganhamos em reconhecer que a língua portuguesa é a língua que falamos. E com isso é importante dizer, sobretudo por eu ser português, que a língua portuguesa não pertence aos portugueses. A língua portuguesa não é dos portugueses. A língua portuguesa é de quem a fala, é tanto daqueles que nasceram a falá-la nas suas diversas geografias como também é daqueles que hoje decidem aprendê-la – acho até que pertença a esses últimos de uma forma muito especial na medida em que eles se deram a esse trabalho, que é mágico, de aprender uma língua. É claro que depois cada um trará os seus níveis de domínio da língua. Quem é que é capaz de dizer que A fala melhor que B? É de uma presunção fazer essa avaliação que só se pode dar o nome de arrogância ou ignorância. A língua é de todos nós, mas cada um se aproxima dela de uma forma própria, em função da sua realidade, de sua experiência, em função da sua sensibilidade. E, portanto, ao escrever, escolho as palavras. E ao escolhe-las nem sempre tenho uma razão perfeitamente racional. Muitas vezes o que leva a escolher determinada palavra é um sabor implícito, é uma memória difícil de identificar, mas que transforma aquela palavra num significado que, para mim, faz sentido.

**Pergunta:** Falando sua obra então, podemos dizer que *‘Morreste-me’* (Peixoto, 2015) é um dos seus livros mais famosos, talvez por ser o primeiro, que você fez ainda em edição do autor. Você disse que chorou escrevendo e muitos leitores choraram lendo ele. Por que você acha que esse livro tem essa potencialidade, tocar dessa maneira os leitores?

**Peixoto:** Em 2020 completa 20 anos que eu fiz essa edição de autor. E tem sido absolutamente incrível. Há pouco mais de um mês, esse livro saiu na China e houve uma resposta incrível por lá, o que me ultrapassa largamente e que realmente a mim me surpreende muitíssimo. Só posso dizer o que eu sinto, não no sentido religioso, mas escrever esse livro foi uma benção. Ainda bem que eu o escrevi naquele tempo e naquela forma, porque se eu não o tivesse escrito naquele momento, esse livro não existiria, porque hoje, ou mais tarde, seguramente teria escrito outra coisa. E algo se perderia, algo que eu acho muito importante, e que talvez seja um dos aspectos que faz grande diferença naquele texto, que é uma certa inocência perante a tudo o que ali está a ser escrito. Uma certa inocência no maior sentido dessa palavra, porque é um texto que quando escrevi nem tinha consciência de que estava a escrever um livro. Foi só quatro anos depois do texto estar escrito, justamente quando estava trabalhando como professor em Cabo Verde e escrevi o meu primeiro romance, *‘Nenhum olhar’* (Peixoto, 2018). Eu tinha esse romance escrito e não tinha nenhuma editora para publicar. Eu já tinha publicado em revistas e periódicos. E também tinha feito algumas edições, cópias artesanais pelas quais tenho certa ternura. Então não tinha editora, não sabia muito bem para onde tinha que me dirigir para publicar o livro. Então comecei a enviar pelo correio para várias editoras. Mas, na altura, eu já tinha consciência que o texto de *‘Morreste-me’* (Peixoto, 2015) era um texto diferente de todos os outros. E que por isso fazia sentido publicá-lo como um livro. Seria um livro muito curto, mas isso não era o que mais importava. Ao mesmo tempo, eu também não queria sujeitar aquele texto, tão pessoal e íntimo, à mesma avaliação que estava a sujeitar o romance, que era de outra natureza – embora também tivesse aspectos pessoais e que me diziam muito. Mas era diferente e não queria que dependesse a outra pessoa a decisão de publicar o livro. E foi assim que encontrei um lugar para imprimir o livro e depois eu próprio distribuí em livrarias. E inclusive fazia uma coisa pela qual sinto certa ternura, um gesto contrário de roubar livros. Eu ia a livrarias acrescentar lá o meu livro, escondido, colocando meu livro lá em ordem alfabética. Se

alguém o comprou, foi uma surpresa para o livreiro. Esse livro fez um caminho incrível ao longo desses vinte anos e continua a fazer. E sinto orgulho por saber que esse livro foi escrito por mim, mas também sinto uma certa distância entre eu próprio, a pessoa que sou hoje, e a pessoa que escreveu esse livro já há cerca de vinte e três anos, metade da minha vida. Eu lido bem com isso, não tenho qualquer problema de haver diferenças entre quem escreveu esse livro e a pessoa que sou hoje porque sei que há também semelhanças. Há aspectos desse livro que ainda são muito marcantes, está claro para além da própria questão que o livro trata sendo a questão da morte do meu pai, apesar de todos esses anos ainda é um tema muito presente.

**Pergunta:** *Autobiografia* (Peixoto, 2021) é um romance em que há dois Josés, um deles tem uma relação direta com você e outra é o próprio Saramago. Por que ficcionalizar o Saramago e qual o desafio dessa empreitada?

**Peixoto:** O próprio José Saramago tinha muita consciência da literatura portuguesa e da literatura em língua portuguesa. Uma parte de sua formação foi feita por essas literaturas. Um momento que para mim foi forte – no qual tive a ocasião de estar com ele, e acabou por ser uma das últimas vezes que estive com ele – foi em outubro de 2008. Naquele momento se comemorava os dez anos de entrega do Nobel. Para essa data, ele quis fazer uma espécie de festa da literatura da língua portuguesa e convidou um grupo de pessoas para lerem passagens de autores de língua portuguesa. A mim, calhou de ler um autor não muito conhecido no Brasil, mas muito importante em Portugal, que é o Soeiro Pereira Gomes, um autor muito importante do neorealismo português. E aqui o Neorealismo foi um período que teve muita importância porque se opôs à ditadura e a situações de grande injustiça social e de grandes problemas que existiram em Portugal. E Soeiro Pereira Gomes, curiosidade, escreveu aquele que considero o primeiro livro que eu li. Não que eu não tenha lido antes histórias da Mônica ou do Cebolinha, mas esse foi o primeiro livro só de letras, sem desenhos. Eu li talvez com uns onze anos esse livro que se chama *Esteiros* (Gomes, 2021), que é um livro que fala de infância, mas de infâncias muito difíceis de crianças da geração dos meus pais e dos meus avós que tinham vidas muito difíceis. Isso para falar sobre essa questão de o Saramago simbolizar um pouco toda a literatura em língua portuguesa e nós – no ano de 1998 quando ganhou esse prêmio Nobel de Literatura e que infelizmente continua a ser o único atribuído a um autor em língua portuguesa – sentimos que era um prêmio para todos, porque Saramago também tem esse lugar. Para mim só fazia sentido escrever um livro como esse tendo uma personagem central que se liga a uma pessoa tão presente ainda, só me fazia sentido fazê-lo com José Saramago. Porque existia este aspecto que faz para mim toda a diferença, que é a minha relação pessoal com José Saramago. Porque em 2001, três anos do prêmio Nobel, eu tive a oportunidade de receber o Prêmio José Saramago e nesse momento ter conhecido José Saramago. E tive ainda a sorte de, entre 2001 e 2010, ter tido múltiplas oportunidades de ter privado com José Saramago. Tive muitas conversas com Saramago que pra mim foram muito marcantes porque eu tinha vinte ou trinta e tantos anos e José Saramago era José Saramago. Tinha ainda a aspiração a fazer um caminho na escrita e ele era um escritor com uma obra absolutamente realizada. Esse livro que você menciona é um romance, portanto um texto de ficção, mas que tem um título provocatório e que é um título que introduz uma complexidade a esse nível justamente da questão autobiográfica, da questão da memória, da questão factual, para mim, nesse momento, só fazia sentido fazê-lo com José Saramago. Para mim foi um pouco trabalhoso na medida em que existia uma responsabilidade grande que era criar uma estrutura que estivesse à altura – à altura tem de ser entendida de uma forma relativa – e que aceitasse esse nome. José Saramago é um autor que tem uma obra muito rica e que transporta múltiplos temas. Mas um dos temas que também transporta sua obra, em títulos como *Manual de pintura e escrita* (Saramago, 2014) e *O ano da morte de Ricardo Reis* (Saramago, 2020) entre outros, é a própria escrita. E este é um livro que fala justamente da própria escrita. José Saramago tinha, apesar de ser uma figura multidisciplinar e ser uma figura que quando evocamos hoje pensamos em múltiplos aspectos e em múltiplas circunstâncias de sua intervenção, a literatura, efetivamente, como o seu eixo, o seu pilar. Posso aqui acrescentar que as conversas que ainda hoje guardo na memória como as mais marcantes que tive com ele foram sempre sobre a importância da literatura, a importância de construir uma obra, a importância de manter uma coerência que fosse sólida e que, de certa forma, fosse paralela à vida, paralela às convicções. Porque no fundo acaba por ser essa a justificação de todo esse trabalho, dessa convocação que fazemos aos outros. Porque é preciso ter uma certa responsabilidade no momento em que nós publicamos um livro e dizemos aos outros: está aqui algo que valha a pena, passem o vosso tempo a ler. É uma grande ousadia, não é?

**Pergunta:** Você escreveu alguns livros de viagens, por exemplo sobre China, Tailândia, Coreia do Norte. Qual a importância das viagens para se fazer literatura?

**Peixoto:** Eu não tenho certeza que as viagens sejam essenciais para se fazer literatura. Ainda assim no meu caso, desde sempre, fui muito incentivado nessa vontade de viajar. Os meus pais, de uma forma muito modesta, sempre tentaram aproveitar as oportunidades que tinham para viajar. Eram viagens bastante curtas, nada comparável a essas viagens na Ásia. Meu pai, por exemplo, na sua vida inteira só viajou uma vez de avião, e dentro de Portugal, ao arquipélago da Madeira. Ainda assim, para viajar não precisamos ir muito longe. O que precisamos é ter essa vontade de ir ao encontro do outro, essa vontade de conhecer aquilo que é diferente de nós. Porque no fundo viajar é um pouco isso, viajar é expormos os nossos sentidos a uma realidade que é diferente daquela que nós encontramos todos os dias. E isso, acho, tem muito a ver com literatura. No meu caso, havendo a oportunidade de fazê-lo, tento sempre fazê-lo. Falei recentemente da pena que tive esse ano de não ter ido ao Brasil. Esse ano tinha algumas viagens previstas para o Brasil, creio que duas, mas que infelizmente não se realizaram. E para mim, cada uma dessas viagens, até para lugares para onde eu já fui, são oportunidades de nova vida, de conhecer pessoas novas. Às vezes até conhecer livros que não conheceria se ficasse aqui. Para mim as viagens tem muita importância. Aliás, um dos projetos que criei nesse período de quarentena foi um blog, que eu convido a visitarem, que se chama *joseluíspeixotoemviagem.com*, onde eu coloco alguns textos meus sobre múltiplas viagens que tenho feito, e onde espero continuar a colocar mais porque acaba por ser um bom uso da internet essa possibilidade de publicar um texto aqui e ele ser lido em qualquer outro lugar imediatamente e sem custos. Isso também é algo que eu acho que acaba por ser positivo dentro dessa situação que temos passado.

**Pergunta:** Chegamos ao fim. Gostaríamos de agradecer a participação e pela conversa agradável.

**Peixoto:** Obrigado pelo convite e um abraço a toda a gente.

## Referências

- Gomes, S.P. (2021). *Esteiros*. Húmus.
- Lopes, V. (Diretor). (2001). *Línguas em português* [Documentário]. Produção: P. Trancoso, S. Weller e R. Pereira. Costa do Castelo filmes; Tv Zero.
- Peixoto, J. L. (2015). *Morreste-me*. Dublinense.
- Peixoto, J. L. (2018). *Nenhum olhar*. Dublinense.
- Peixoto, J. L. (2020). *Regresso à casa*. Dublinense.
- Peixoto, J.L. (2008). *Cemitério de pianos*. Companhia das Letras.
- Peixoto, J.L. (2012). *Livro*. Companhia das Letras.
- Peixoto, J.L. (2017). *Em teu ventre*. Companhia das Letras
- Peixoto, J.L. (2021). *Autobiografia: Romance*. Companhia das Letras
- Saramago, J. (2014). *Manual de pintura e caligrafia*. Porto Editora.
- Saramago, J. (2020). *O ano da morte de Ricardo Reis*. Companhia das Letras.
- Wook. (2019, 5 de dezembro). *Entrevista exclusiva a José Luís Peixoto* [Vídeo]. Youtube.  
<https://www.youtube.com/watch?v=Xw6BQ4xX3dI>